

## Encontro SOTER Sul

Como acontece há vários anos, um grupo de 25 a 30 membros e simpatizantes da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), do Regional Sul, encontrou-se nos dias 14 e 15 de dezembro último, em Canasvieiras, uma bela praia do norte da Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis, para seu Congresso anual. Além dos estudos e debates, agendados para duas horas no início da manhã e duas no início da tarde, um dos objetivos foi aproveitar o começo das férias para curtir uma brevíssima temporada de sol e mar e descansar do trabalho do ano. A agenda estava organizada para três dias, do seguinte modo: o primeiro dia, sobre *Corporeidade e Teologia*, para repercutir a temática do último Congresso Nacional; o segundo, sobre *Funções e Relevância da Teologia na Sociedade Atual*, para aquecer a reflexão em vista da temática do próximo Congresso Nacional; o terceiro, sobre *Eclesiologia no Contexto Atual*, temática que a Região Sul havia sugerido para o próximo Congresso Nacional. A ausência de alguns explanadores obrigou a rever a agenda, que ficou concentrada em apenas dois dias.

No primeiro dia, 14 de dezembro, enfocou-se a temática *Corporeidade e Teologia*, com a intenção de repercutir entre nós a temática do Congresso Nacional, de julho passado, em Belo Horizonte. No período da manhã, depois de uma *Retomada do Congresso Nacional*, em que Pe. Ney Brasil Pereira, do ITESC, relembrou as palestras e conferências do referido Congresso, auxiliado pela memória de todos, tivemos a oportunidade de ouvir e debater uma conferência sobre *Corpo e Masculinidade – Outros homens são possíveis*, de André Musskopf, doutorando em teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo – RS.

Objetivo deste tema era cobrir uma lacuna do Congresso Nacional. Musskopf tratou da crise do masculino e suas falácias, dos modelos de comportamento sugeridos pela mídia publicitária, da atual discussão sobre a identidade masculina, do surgimento de um “novo homem”, da luta pelos direitos masculinos. Apresentou como contexto da crise do masculino a mudança profunda ocorrida no último século nas sociedades ocidentais, relacionada com os novos modos de produção e consumo, com as lutas organizadas das classes operárias e empobrecidas, dos movimentos



feminista e homossexual e dos movimentos de resgate e reconhecimento da história e cultura de afro-descendentes e indígenas. Todos eles representam, implícita ou explicitamente, uma crítica ao modelo hegemônico de masculinidade: o homem branco, rico e heterossexual. Depois de contextualizar a crise do masculino, Musskopf tratou do paradoxo da identidade masculina, que se funda, segundo ele, numa negação, mais precisamente naquilo que os homens não são. Os homens não são femininos, não são gays, não são delicados. “Essa negação é desenvolvida, no dizer de Musskopf, num processo que inicia antes do nascimento, dura a vida toda e é construída nos corpos dos homens”. Da gestação à maturidade e à vida profissional, passando pela infância, idade escolar, adolescência e juventude, os homens são educados na base da pressão, competitividade e independência, na busca de um atestado de virilidade e masculinidade. Um modelo hegemônico de masculinidade que agride os próprios homens, na medida em que vivem premidos pela violência e pela pressão – que explica a morte de tantos homens antes do tempo – e agride também as mulheres, que são feitas objeto da prova da masculinidade dos homens. Em seguida, Musskopf discorreu sobre modelos alternativos de masculinidade: o da integração do princípio feminino na personalidade masculina dos homens; o do homem-objeto, centrado no tamanho dos genitais e na capacidade sexual; o do metrossexual, consumista, cujo objeto de amor e prazer é ele mesmo; o da masculinidade não-heterossexual, a homossexualidade masculina, vista como forma alternativa e subversiva de viver a masculinidade, que pode dar pistas e ajudar no processo de construção de um novo jeito de ser homem. A seguir, Musskopf tratou da relação entre corporeidade masculina e teologia. Recordou que as principais características da teologia atual, feita por homens educados no modelo de masculinidade e corporeidade masculina hegemônico, são: racionalismo, pretensão de objetividade e universalidade, patriarcalismo, androcentrismo, abstração. Uma teologia em que estes homens não consideram a sua corporeidade no fazer teológico, que tem gerado inúmeros danos à própria espiritualidade masculina, que tem levado à dominação dos âmbitos do poder e de construção do conhecimento teológico pelos homens. Uma teologia que é responsável por uma estrutura eclesial hierárquica, dominadora e repressora à qual, em geral, somente homens especiais têm acesso. Nesse contexto, a Teologia da Libertação representa uma novidade, pois brotou do reconhecimento da opressão econômica sentida no corpo através da experiência de empobrecimento e exclusão social. No entanto, com todas as promessas que ela representou para os mais diversos segmentos da



sociedade, também é preciso reconhecer que estava centrada na experiência masculina e na opressão que os homens sentiam em seus corpos. Como tal, seu discurso permaneceu universalizante e suas promessas de libertação foram frustradas para muitas pessoas. Nessa esteira, percebe-se, embora de forma ainda invisibilizada, uma reflexão teológica a partir da homossexualidade masculina (teologia gay) na América Latina, que tem o potencial de auxiliar no processo de construção de uma teologia que, segundo Musskopf, considere um corpo masculino libertado.

No período da tarde deste primeiro dia, debateu-se sobre os *Corpos Gaúchos, Catarinenses e Paranaenses*, numa tentativa de relacionar a temática-chave com nossa realidade cultural sulina.

No segundo dia, 15 de dezembro, no período da manhã, com a colaboração de Luiz Carlos Susin, professor da PUC de Porto Alegre, debateu-se sobre a temática do próximo Congresso Nacional, *Funções e Relevância da Teologia na Sociedade Atual*, com a indicação de questões pertinentes e impertinentes da sociedade para a teologia e, vice-versa, da teologia para a sociedade. No período da tarde, Pe. Agenor Brighenti, do ITESC, de Florianópolis, discorreu sobre o espírito do Concílio Vaticano II, lembrando a ocorrência dos 40 anos de *Lumen Gentium*. Recordou primeiramente, de modo sintético, os fundamentos do espírito conciliar: a superação do eclesiocentrismo; a legitimação do processo de secularização; a reconciliação com o mundo moderno; a passagem do anátema ao diálogo; a dimensão pastoral da teologia; o embasamento de uma teologia indutiva. Discorreu, em seguida, sobre as pendências conciliares, isto é, dívidas que ainda temos com a agenda do Concílio: a superação da cristandade; o reconhecimento do contexto da crise da modernidade; a igualdade fundamental de todos no Povo de Deus; o processo de inculturação; a dimensão local da Igreja; o profetismo e o testemunho da Igreja dos pobres; os desafios do diálogo inter-religioso; enfim, uma nova recepção do Concílio.

Em seguida, Rudolf von Sinner, professor da EST, de São Leopoldo, expôs uma palestra que intitulou como *O debate eclesiológico no Conselho Mundial das Igrejas*. Trata-se da visão (ou visões) de Igreja que subjaz às intenções e ações desse Conselho. Analisando os eventos e os documentos do referido Conselho, Rudolf apresentou a auto-compreensão eclesiológica do CMI como comunhão de igrejas que aceitam Jesus como Deus e Salvador no empenho em responder conjuntamente à sua vocação comum, para a glória da Trindade. Discorreu, em seguida, sobre os quatro tipos de eclesiologia presentes no CMI: a) o tipo



*sacramental*, que atribui uma natureza ontológica à Igreja, próprio das igrejas ortodoxas e da igreja católica romana; b) o tipo *reformatório*, que visibiliza a comunhão dos fiéis na pregação da Palavra e na administração dos sacramentos do batismo e da eucaristia, próprio das igrejas da Reforma que foram, durante séculos, reconhecidas e protegidas pelo Estado (igrejas luterana e calvinista...); c) o tipo *conversionista*, que insiste na fé do indivíduo, na conversão pessoal e adesão consciente, próprio das igrejas congregacionalistas (batistas, menonitas, metodistas...); d) o tipo *carismático*, pentecostal, mais recente, que insiste nos dons extraordinários do Espírito Santo. Rudolf sintetizou, então, o documento que está sendo elaborado pelo CMI sobre a natureza e a missão da Igreja, onde se trabalha o fato de a Igreja estar a caminho, chamada a viver dentro do mundo. Este documento descreve a Igreja numa visão trinitária, sob cujo enfoque se entendem sua unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade; trata da missão eclesial como advocacia e cuidado para com os pobres e necessitados e como denúncia crítica das estruturas injustas; entende a Igreja como sinal e instrumento do plano salvífico de Deus; analisa a dimensão histórica da Igreja, pela qual suas notas de unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade, sempre ameaçadas, precisam ser continuamente resgatadas; por fim, vê a Igreja como comunhão no mundo e para o mundo. Rudolf concluiu sua palestra com algumas questões hermenêuticas: a leitura e compreensão da Bíblia e da Tradição, bem como dos sinais dos tempos e, também, da eclesialidade das outras igrejas. Por fim, lembrou que a próxima Assembléia Geral do CMI se realizará em Porto Alegre, em 2006, um evento de graça para a Igreja no Brasil.

Nos entremeios da agenda, houve diversas informações: a) de Érico Hammes e Rudolf von Sinner, sobre o *Fórum Social Mundial*, em janeiro próximo, em Porto Alegre; b) de Paulo Fernando, vice-presidente da SOTER Nacional, sobre o *próximo Congresso Nacional da SOTER*, em julho próximo, em Belo Horizonte; c) de Luiz Carlos Susin, sobre o *Fórum Mundial de Teologia e Libertação*, que reunirá cerca de 300 pessoas de diversas entidades teológicas de todo o mundo, em Porto Alegre, nos dias anteriores ao FSM.

O clima alegre e sereno de final de ano, na companhia de gente que sofre os mesmos percalços do labor teológico, marcou todo o encontro. Entre os presentes, estavam representados os seguintes Institutos e Faculdades de Teologia: o ITESC, de Florianópolis; a PUC e a ESTEF, de Porto Alegre; a EST e a Unisinos, de São Leopoldo, RS; e o CINTEC, de Cascavel, PR. O agendamento do próximo Congresso, no mesmo local,



para os dias 13 a 15 de dezembro de 2005, mostra como é importante encontrar-se para estudar e debater os temas da atual caminhada teológica.

Florianópolis, dezembro de 2004

*Pe. Vitor Galdino Feller  
Conselheiro da SOTER-Sul*

### **Memória do Congresso da SOTER-2004**

Fazia tempo que eu não participava de um Congresso da SOTER. O tema de 2004 era “Corporeidade e Teologia”. Participei da abertura, à noite de 12-7, abertura que contou com a presença, discreta, do novo Arcebispo de BH, Dom Walmor Azevedo. Não pude permanecer até o fim: saí na quinta-feira à tarde, para poder participar de outro Congresso, em Itaúna, sobre uma forma específica de Pastoral Carcerária, as APACs. Não deixou de ser uma continuação do tema da “corporeidade”, concretizada nos corpos tantas vezes maltratados dos que caíram nas malhas do nosso sistema carcerário.

Se a Teologia, como ciência, é o exercício da razão em busca da inteligência da fé, a Corporeidade, focalizando o corpo em sua pluriforme concretude, nos obriga a descer das belas abstrações para a materialidade do nosso “corpo de carne” (Cl 1,22), esse corpo que vemos, ouvimos, sentimos, apalpamos (cf 1Jo 1,1), em nós e ao redor de nós.

Introduziu-nos no tema a conferência de abertura, apresentada em dois tempos. Primeiro, a abordagem de *Wanda Deifelt* que, a partir da Bíblia, falou da relevância da corporeidade no contexto de hoje. Ela partiu, significativamente, de Jo 1,14: *O Logos se fez carne, ou seja, se fez Corpo*. Lembrou também Paulo na 1ª carta aos coríntios: *Vós sois o Corpo do Cristo* (1Cor 12,27). Citou o poema da poetisa mineira Adélia Prado sobre o “Corpo de Deus”, esse Corpo que passou – e passa – fome, sede, cansaço, tortura... Em nosso tempo de exacerbação do culto do corpo, dos ricos, quase nem percebemos a exacerbação do desprezo do corpo, dos pobres... A seguir, as colocações, sempre provocantes, de *José Comblin*, que falou da relação “ambígua” entre Cristianismo e Corpo. Lembrou que é preciso distinguir, no cristianismo, o que é realmente Evangelho, 5%, do que é religião, instituição, conjunto simbólico, que são os restantes 95%. Disse que Jesus não propôs atos simbólicos (a não ser, evidentemente, a Eucaristia e o Batismo), mas gestos eficazes: dar de



comer, de vestir, socorrer. Já a partir de fins do século 1º houve uma recuperação do conjunto simbólico da religião do AT, com a sacerdotalização e sacrificialização do culto cristão; a partir do século 3º, com o monaquismo, a subjugação do corpo pela alma etc etc.

O primeiro dia, terça-feira, foi dedicado a um “olhar interdisciplinar” sobre o tema “Corporeidade e Cultura contemporânea”. A primeira conferência, de *Carlos Alberto Steil*, expôs algumas questões de antropologia cultural em torno ao tema. Começou contrapondo Oriente e Ocidente: este, priorizando a razão; aquele, o corpo. Por isso, o Ocidente é o nascedouro das ideologias, que são sempre parciais na sua abordagem da realidade. Por outro lado, a racionalidade, a análise, a ciência, afinal, são conquistas do pensamento, conquistas, porém, que não deveriam perder de vista a totalidade: razão-corpo, terra-céu. *Ana Maria Nicolaci*, psicóloga, tratou da relação entre “corporeidade, afetividade, e as novas tecnologias”. Lembrou que a internet chegou ao Brasil há menos de 10 anos, em 1995, e foi entusiasticamente assimilada pela juventude, a uma velocidade que nós, mais velhos, custamos a entender. Como conciliar esse avanço com o fato do grande número dos que, por vários fatores, não têm acesso às novas tecnologias?

*Jurandir Freire* lançou “um olhar psicanalítico” sobre “o corpo e a modernidade”. Lembrou que o corpo, segundo Freud, é uma perpétua fonte de inquietude. Comentando a palavra de Jesus “*Pobres, sempre tereis entre vós*”, observou que, se vivêssemos num mundo perfeito, não teríamos mais nada a fazer! Pelo contrário, convivendo com a imperfeição, ficaremos felizes com os pequenos avanços que conseguirmos no dia a dia. *Sílvia Contaldo* devia apresentar a “perspectiva filosófica” sobre a corporeidade “na modernidade e na pós-modernidade”. Começando com os gregos, neles destacando o dualismo platônico, esvoaçou pela escolástica e, sobre a modernidade, lembrou apenas que, desde o século XVII, a razão e a ciência têm prevalecido. Na modernidade, diante de um corpo decodificado, a pergunta fundamental: que é o ser humano?

O segundo dia foi dedicado às “perspectivas teológicas” sobre “corporeidade, sexualidade, gênero, e etnicidade”. *Ivone Gebara* abordou “corporeidade e gênero” numa perspectiva ecofeminista. Lembrou que o ecofeminismo, como instrumento de análise crítica da sociedade patriarcal, começa na década de 70, na França, unindo a corrente do feminismo com a preocupação da ecologia. Reclamou do caráter ainda machista da antropologia da modernidade, que continua a privilegiar o “homem” e o homem “branco”. Também na Teologia do NT, por causa do corpo



masculino de Jesus, e dos corpos masculinos em torno de Jesus, o masculino continua a ser normativo... *Antônio Moser* tratou o tema “Corpo e Sexualidade”, traçando uma linha desde o biológico até o virtual. Falou do “convívio intenso e tenso” entre religião e sexualidade. Com a revolução biotecnológica e a engenharia genética, projetam-se e formatam-se corpos sem o concurso dos corpos! O sexo, só para o prazer, não mais para a transmissão da vida! Diante de tantas potencialidades, de “tanto poder na mão de tão poucos”, o ser humano está perplexo e fascinado. Mas não pode deixar de lembrar-se que é um ser “ético”, isto é, livre e responsável. Em nossas mãos, aliás, como nos adverte o Deuteronômio, está a vida e a morte (cf Dt 30,19)!

*Nilma Lino* abordou o tema “corporeidade e negritude”. Partindo do fato da escravidão negra no Brasil, falou do corpo negro como “revolucionário e contestador” desde aquela conjuntura histórica. A rejeição do corpo negro é superada pela sua re-significação. *Antonietta Potente*, que vive entre os Aymaras, na Bolívia, falou da “corporeidade indígena”. Numa língua onde não há o termo “corpo”, falou da necessidade de superar os esquemas já gastos da nossa filosofia e teologia, e insistiu em que é preciso “teologizar” a partir do corpo dos pobres, que é o corpo de Deus: que passa frio, fome... desse corpo que é “a única força dos pobres”.

No terceiro dia, foram abordadas “questões éticas e antropológicas” em torno do tema central. *Leonardo Boff* falou da relação entre “corporeidade, justiça social, e o mundo dos pobres”. Começou com um vídeo sobre as atividades do Centro de Vivência dos DD.HH. em Petrópolis, um de cujos projetos, “Pão e Beleza”, procura transformar o atendimento em processo de mudança. Após várias considerações sobre a humanidade hoje, e sobre a ecologia como “conjunto das relações dos seres entre si e com o meio-ambiente”, denunciou o que ele, na Igreja-Instituição, vê como “reduo do patriarcalismo, autoritarismo e machismo”. *Maria Inês Millen*, num texto preparado junto com *Maria Clara Bingemer*, abordou o tema “Corpo e violência”, partindo da nossa experiência atual de insegurança por causa da violência generalizada. Lembrou o profeta Habacuc, cuja profecia, antecipando o clamor dos mártires no 5º selo do Apocalipse (Ap 6,9-10), começa reclamando da inatividade de Deus, que não reage contra a injustiça, e se pergunta “Até quando?” (Hab 1,2) É conhecida a problemática da violência no AT: p. ex. a prescrição do *herem*, isto é, o aniquilamento dos inimigos (cf Js 6,17; 1Sm 15,18), e toda a estrutura sacrificial do culto, mantida apesar da condenação dessa estrutura pelos profetas (cf Os 6,6!). No NT, o problema teológico da interpretação da



morte de Jesus: sacrifício expiatório, ou ato de solidariedade vicária? Contrastando com a reação espontânea da vingança, a palavra e o exemplo de Jesus propõem-nos a alternativa da justiça criativa e restauradora, que se concretiza no perdão...

À tarde do terceiro dia, *Maria Izilda Matos* falou sobre “O corpo e a história: ocultar, expor e analisar”. Seguiu-se a conferência de *Luís Carlos Susin*, abordando “questões antropológico-teológicas” referentes ao corpo. No último dia, antes da Assembléia da Sociedade, realizou-se o painel conclusivo, com a coordenação de *Lúcia Ribeiro* e *Márcio Fabri*, sobre “Corporeidade como desafio teológico na AL”. Não tendo participado dessas últimas atividades, deixo aos que estavam presentes a tarefa de trazê-las à memória.

Florianópolis, dezembro de 2004

*Pe. Ney Brasil Pereira*

### **Escola Diaconal São Francisco de Assis**

A Escola Diaconal São Francisco de Assis da Arquidiocese de Florianópolis, SC encerrou, no dia 14 de janeiro de 2005, o período de formação acadêmica de 20 alunos da 12ª turma, colocando-os à disposição dos respectivos bispos para encaminhamentos ulteriores.

Simultaneamente, foi iniciada a formação de novos candidatos ao diaconato, que constituirão a 13ª turma, contando com 27 alunos. O período de formação acadêmica tem a duração de quatro anos com três fases anuais, de dez dias intensivos de estudos, num total de doze fases.

A Escola Diaconal da Arquidiocese de Florianópolis foi fundada em 1972 pelo Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano Dom Afonso Niehues, de saudosa memória. Até o momento presente, passaram pela Escola Diaconal 285 alunos, dos quais 161 foram ordenados Diáconos. A Arquidiocese ordenou, até o momento, 99 diáconos, dos quais 11 já faleceram. Estudaram, também, em nossa Escola, alunos das dioceses de Joinville; Blumenau; Lages; Piracicaba e Palmas.

A Revista *Encontros Teológicos* parabeniza a Direção da Escola Diaconal São Francisco de Assis, na pessoa do Pe. Valter Maurício Goedert, e deseja frutuoso trabalho de formação para o diaconato permanente.



## Escândalo da Fome

“Com a leitura que acabei de fazer, de ‘Encontros Teológicos’ n.38, sobre ‘O Escândalo da Fome’, renovei as minhas forças. De fato, desde 1980, a minha pastoral é com a fome dos meus irmãos mais necessitados, isto é, aqueles que não tiveram a sorte de se encontrar com a felicidade.

Resido na comunidade de Nossa Senhora de Lourdes, paróquia dos Sagrados Corações, Barreiros, São José. Sou diácono há 19 anos, mas mesmo antes de ser ordenado já trabalhava com as pessoas carentes de minha comunidade. Em 1980 comecei a visitar as famílias necessitadas nas periferias, e trouxe a situação ao conhecimento dos que participavam das celebrações dominicais na capela. Propus a eles fazermos uma coleta de alimentos cada mês, e todos concordaram.

Essa coleta é feita na hora do ofertório, no segundo domingo do mês. Quem trouxe alimento vai até o presbitério levar ali a sua sacola, e quem não trouxe vai levar a sua contribuição em dinheiro, quantia que logo no dia seguinte, segunda-feira, é transformada em gêneros alimentícios. Outros, quando o volume é maior, levam o donativo diretamente à minha residência. Uma família traz 5 cestas básicas, acompanhadas de leite e carne; outro leva 50 quilos de alimentos não perecíveis; outro leva 60 pacotes de leite; um açougue está autorizado a entregar os quilos de carne que ainda forem necessários; um armazém está cadastrado para entregar os quilos de feijão que forem precisos etc.

Essas contribuições vêm acontecendo há anos, e todos sabem o dia certo da coleta. São atendidas mensalmente 30 famílias na comunidade e ainda sobra. O que é excedente, é entregue às Irmãs Salesianas que trabalham no Pedregal, para o distribuírem nas famílias daquela comunidade. Cada cesta básica contém 2 quilos de arroz, 2 de açúcar, 1 de fubá, ½ quilo de macarrão, ½ quilo de café, 1 quilo de feijão, 1 da farinha de mandioca, 1 de carne, 1 pacote de leite e 1 lata de óleo.

Sinto-me feliz por estar liderando essa iniciativa bem sucedida de solidariedade. Aqui mais uma vez se comprova que o “escândalo da fome” não escandalizaria tanto se houvesse mais gente disposta a arregaçar as mangas e unir as forças, em cada uma de nossas comunidades.

*Diácono Licínio Antônio de Souza  
Paróquia Sagrados Corações  
Rua Maria Júlia da Luz, 1641, Barreiros  
88111-300 São José, SC*